

## 4 Conclusão

(...) Um dia, quando já não houver império britânico nem república norte-americana, haverá Shakespeare; quando se não falar inglês, falar-se-á Shakespeare. Que valerão então todas as atuais discórdias? O mesmo que a dos gregos, que deixaram Homero e os trágicos.  
Machado de Assis. Crônica de 26 de abril de 1896.

Machado de Assis, tal como Shakespeare, escolheu a literatura como pátria. E assim como a assinatura do poeta inglês, a de Machado de Assis continua viva. Os equívocos e as discórdias sobre a vida e a produção literária machadianas vêm sendo apaziguados e seus escritos sobrevivem ao tempo.

Completamente imerso nas questões culturais e sócio-econômicas de seu tempo, Machado de Assis escapou das limitações territoriais, da divisão dos impérios e da cartografia positivista dos mapas. Se até certo ponto a ironia foi um recurso para evitar opiniões incisivas, não deixou em nenhum momento de discutir os acontecimentos das transições históricas de seu tempo e se posicionar em relação a eles, buscando as sutilezas onde os outros só viam polarizações. A partir da palavra do Outro, ou seja, da linguagem como sistema epistemológico tirano e paradoxalmente claudicante, depôs - exprimiu e pôs de lado - a singularidade da experiência tanto como intelectual quanto como sujeito do inconsciente. Isto é, usou a linguagem em sua dimensão de repetição criativa, reinterpretando-a.

É preciso que reconheçamos nos analistas de Machado, inclusive nos mais renomados, um desacerto da censura crítica que repercute ainda nos dias de hoje. Não podemos mais compactuar com o tipo de crítica que acusou a literatura machadiana de padecer de ausência de impacto no enredo, anemia existencial dos personagens e mera vulgaridade de suas problemáticas. A crítica contemporânea precisa reforçar e reavivar as análises da literatura machadiana nas quais se discute a presença de temas que ainda são pertinentes nos dias atuais, tal como a exaltação a qualquer preço da imagem.

Em suma, a ficção machadiana é ao mesmo tempo provinciana e estrangeira. Seu talento condensou a singularidade do local e a universalidade dos discursos autoritários. E ao seu modo afirmou que a ficção – ao mesmo tempo fuga e crítica da vida – embora não seja lugar para juízos classificatórios,

é o espaço privilegiado para a discussão cultural. Enfim, o talento machadiano, assim como ele próprio afirmou conceitualmente em folhetim de 1859 sobre o talento: “não tem localidade (...), é cosmopolita”.

O mundo em que vivemos, tal como o descrito pela literatura machadiana, é pautado primordialmente pelo culto ao efêmero da imagem. E a cínica discursividade subjacente ressoa a falência ideológica, moral e ética da contemporaneidade. Ainda hoje, tanto quanto no passado, sabedoria e aprofundamento de idéias são procedimentos muito pouco valorizadas. Basta o conhecimento superficial e a pose de “medalhão”, ou seja, a pura exibição do Eu e a preservação a qualquer preço de um Eu sólido e unificado. Conseqüentemente, o perverso contexto contemporâneo de exaltação a qualquer preço do gozo aprisiona os sujeitos em uma busca insaciável pelo efêmero por excelência.

Cada vez mais a demanda social é normativa e visa à padronização do comportamento. Segundo esta demanda contemporânea, o sujeito deve revestir-se de uma máscara impenetrável, sem falha, sem sombra e sem brecha. A aparência deve ser elevada à dignidade de verdade do ser. E a sabedoria neste contexto não é a diferença que permite ao homem se furtar à massificação da imagem que o convoca a esconder o horror de se constatar nas falhas, mas o consenso e a uniformização. Deste modo, aqueles que insistem no olhar singularizado, sofrem as conseqüências da busca de localização no corpo social e cultural.

Segundo Andreas Huyssen, para que possamos nos libertar do que expressa como este presente sem futuro, precisamos insistentemente denunciar a fraude da estética do choque pelo choque e as falsas promessas idealizadoras. Ambas sustentam o reinado da monotonia e do desinteresse por idéias realmente originais, que tem levado o homem, paradoxalmente, ao isolamento solitário do qual tenta se preservar.

Os excessos têm apenas servido como limitadores da experiência e, portanto, do presente. Curiosa e ironicamente, o futuro parece depender de que o presente invista-se de uma Rememoração Produtiva - ao modo proposto por Nietzsche - que vise a existência como fenômeno ético e estético.

Para Freud e Lacan e para toda uma linhagem a qual ambos pertencem, não há um “si mesmo” que possa ser reproduzido por qualquer imagem ou linguagem. Para a psicanálise há um processo de estruturação psíquica e

constituição do sujeito e por trás dela o vazio de significação. A socialização se daria através de “semblantes”; máscaras que são construídas e desconstruídas a partir e através das relações sociais e parentais, de modo a dar “corpo” à “libra de carne” e órgãos que é o homem. Dito de outro modo, a “idéia” de máscara para a psicanálise é um recurso que ora visa preservar, ora insiste em dizer o impossível de se dizer, pois não haveria um si mesmo a ser dito. Por outro lado, a idéia vulgar do conceito “si mesmo” assume que haveria uma verdade última a ser dita e conseqüentemente gera a distorção contemporânea. Ou seja, a demanda por uma representação que capture completamente uma essência.

Por sua vez, Machado de Assis introduziu a crítica e a mobilidade em sua ficção e se estabeleceu como agente cultural. Embora inexorável, Machado forçou esteticamente o “*pathos* da distância” entre o usuário da linguagem e a realidade bruta. A ficção machadiana prova a força e precariedade do campo de experiência da identidade. Isto é, prova a condição paradoxal das identidades culturais, ou seja, a necessidade e fragilidade das máscaras que o homem fabula como representação do paradoxo entre o sujeito e a civilização. Eu diria que assim como uma carteira de identidade não diz quem sou, nenhuma outra máscara dirá, pois qualquer uma delas será representação, não de um “original”, mas de uma outra representação. E sendo representação, será por definição, infiel. Em última análise, não há um “ser” para as coisas, mas devemos insistir na construção de identidades, desde que estejamos advertidos da precariedade delas.

A ficção machadiana demonstra que a noção de metaperspectiva - perspectiva da perspectiva que o outro tem de mim - e de meta-identidade - síntese da minha observação de mim mesmo mais minha visão que os outros têm de mim ou como suponho que o outro me vê - são representações humanas e não realidades concretas, no entanto não menos reais. Mas adverte que um certo sofrimento é inevitável dado a morte encontrar-se em qualquer horizonte humano.

Parafrazeando Bauman no “*Em busca do espaço público*”, o texto irônico em seu apelo ao riso contém a dose de malícia capaz de suscitar a ambivalência do riso. Ou seja, apontar que as coisas não são tão estáveis e confiáveis como pretendem e por outro lado que não são tão duras e sufocantes como parecem. Há portanto um laivo de medo, mas também uma nesga de otimismo no risível machadiano.

Em suma, efetivamente desvelando a subjetivação em ato – o ato literário – Machado de Assis mostrou o quanto a ficção é capaz de fazer ouvir algo do

inaudível, normalmente banido pela tagarelice do cotidiano. Por manter-se faminta pela crueza da vida, sua ficção comporta ambígua e paradoxalmente o que há de mais sublime no encontro com o que claudica na linguagem e o que há de mais maldito ou mal dito no desencontro com qualquer sentido último.

Flertando um tanto deliberadamente com o enigma e a experiência inconclusiva, Machado de Assis usou a linguagem para mergulhar e sondar além do esperado. Seus escritos representam a construção de uma assinatura, através de raspas, onde o nome próprio, indizível, busca se dizer. E é pois, afirmação da diferença do Outro, mas também esforço de representação do comum e vulgar.

No sentido estritamente freudiano, Machado não construiu uma representação, mas representou uma construção. Lidando com o “mal estar”, criou uma plasticidade, uma flexibilidade, uma estética pautada na ética do “bem-dizer”, que procurou encontrar destino para o estorvante estranhamento de reconhecer-se estrangeiro de si mesmo.

Sua ficção expõe o que as relações humanas têm de mais abrupto e precário. E com extrema autonomia, posiciona-se com elegância e coragem. Confronta a todos com um simbólico que se recusa à civilidade e sutilmente reconduz a uma violência crua ao refletir a busca pela construção de algo que não almeja apenas a afirmação do cidadão-indivíduo, uno e indivisível.

Sua arte reside no fato de não cobrar uma resposta, e sim convidar o leitor para um enfrentamento com a demanda de deciframento de um enigma. Fomenta a fome do desejo pelo saber. Ao produzir novo e singular destino àquilo que é vazio de significação como a morte e o sublime, ou ao que é revoltante e obsceno como os vínculos sociais, reabre a gana pelo incognoscível e civilizatório. Nesta condição, seus escritos estão em trânsito entre o nome e o não nomeado, e brilham porque o fogo da experiência inconclusiva da leitura consome seus leitores. A ética na qual está pautado lança sua flecha para “além do bem e do mal”, apesar de paradoxalmente ancorar-se neles para deste além recriar o próprio mito. Enfim, Machado de Assis é um mestre da denúncia do vão que ruge faminto. Alegoricamente adverte o que eu resumiria da seguinte forma: quem sonha com a harmonia será mais ou menos infeliz, mas quem tem a ilusão da harmonia, será muito infeliz. Muito cruel este estranho desejo que pulsa, causa a angústia e nos impulsiona!

Enfim, os escritos machadianos evidenciam a oposição entre a disursividade cínica e a ética do humor irônico pautado na postura cética. A vida e a sociedade exigem de cada um de nós uma atenção constante e vigilante

para que não nos vejamos entregues ao automatismo fácil dos hábitos adquiridos. É preciso discernirmos os contornos das situações vividas no presente, sem perdermos de vista uma reflexão do passado e do futuro. E o humor ao modo machadiano seria, a meu ver, a via privilegiada através da qual a crítica contemporânea deve propiciar a elasticidade que nos torna aptos a arrostarmos a tensão causada pelo enigma do viver. Em suma, os escritos machadianos desafiam a própria escrita. Pois através da própria linguagem rompem a sujeição intelectual a ela. E por fim desafiam o trágico, o mecânico e o autoritário.